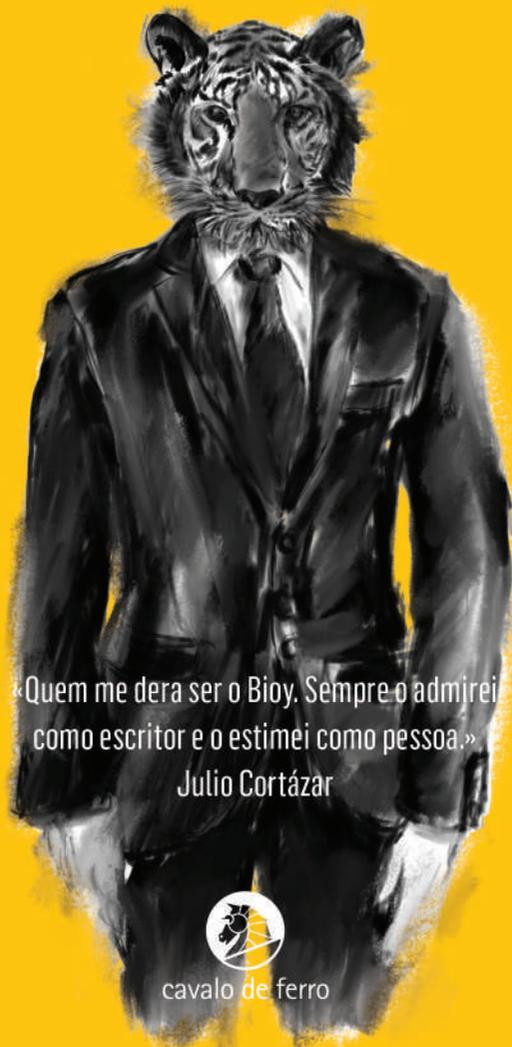


ADOLFO BIOY CASARES

O Herói das Mulheres



«Quem me dera ser o Bioy. Sempre o admirei
como escritor e o estimei como pessoa.»

Julio Cortázar



cavalo de ferro

Este volume reúne os contos e os romances curtos que escrevi depois de *El gran serafín* (1967). Três desses fragmentos, «Uma porta abre-se», «A passageira da primeira classe» e «O jardim dos sonhos», apareceram nas antologias *Histórias de Amor* e *Histórias Fantásticas*.

A. B. C.

DA FORMA DO MUNDO

Uma segunda-feira à noite, em princípios de Outono do ano 51, aquele moço Correa, que muitos apodam de Geógrafo, esperava num cais do Tigre a lancha que devia levá-lo à ilha do seu amigo Mercader, para onde se tinha retirado para preparar as cadeiras que lhe faltavam do 1.º ano de Direito. Como é certo, a ilha em questão não era mais do que um matorral alagadiço, com uma casota de madeira sobre estacas; lugar indecifrável no labirinto de riachos e de salgueiros do enorme delta. Mercader preveniu-o: «Lá perdido, sem mais companhia que os mosquitos, que recurso te resta a não ser atirares-te ao estudo? Quando chegar a tua hora, vais estar feito um campeão.» O próprio doutor Guzmán, velho amigo da família, que por encargo desta benevolmente vigiava os passos de Correa pela capital, deu a sua aprovação a esse breve desterro, que reputou muito oportuno e até indispensável. No entanto, em três dias como insular, Correa não conseguiu ler o número de páginas previsto. Perdeu o sábado a tratar de um churrasco e a chupar mate, e no domingo foi ver o encontro entre Excursionistas e Huracán, porque francamente não sentia vontade de abrir os livros. Tinha começado as suas duas primeiras noites com a firme intenção de trabalhar, mas o sono deu-lhe a volta rapidamente. Recordava-as como se tivessem sido muitas, e com a amargura do esforço inútil e do remorso ulterior. Na segunda-feira teve de viajar até Buenos Aires, para almoçar com o doutor Guzmán e porque se tinha comprometido a assistir, com um grupo de conterrâneos, à sessão *vermouth*¹ do Teatro Maipo. Já de volta, no Tigre, enquanto esperava a lancha, que vinha com singular atraso,

1 Sessão da tarde. [N. T.]

pensou que a culpa desta última demora não era sua, mas que daí em diante devia aproveitar todos os minutos, porque a data do primeiro exame se aproximava.

Com inquietude, passou de uma preocupação a outra. «O que faço», perguntou-se, «se o lancheiro não sabe qual é a ilha do Mercader?» (O que o levou no domingo sabia.) «Eu não estou seguro de a reconhecer.»

As pessoas puseram-se a conversar. Afastado do grupo, apoiado com os cotovelos no corrimão, Correa olhava os arvoredos da margem oposta, apagados na noite. É verdade que, para ele, em pleno sol não teriam sido menos confusos, já que era um recém-chegado à região, que não se parecia com nada do que havia visto anteriormente, mas sim a uma paisagem muitas vezes imaginada e sonhada: o arquipélago malaio, segundo lho revelou, nas aulas do colégio da província natal, mais do que um volume de Salgari, forrado em papel madeira, para que os curas o confundissem com os livros de texto.

Quando começou a chover, teve de se abrigar debaixo do telheiro, junto aos conversadores. Descobriu rapidamente que não havia um só grupo, como havia suposto, mas três; pelo menos três. Uma rapariga, presa nos braços de um homem, queixava-se: «Então não sabes o que sinto.» A resposta do homem perdeu-se atrás de uma voz trémula, que dizia: «O projecto, que agora parece tão simples, encontrou grandes resistências, por causa das erradas noções que se tinha sobre os continentes.» Depois de um silêncio, continuou a mesma voz (talvez chilena), em tom de dar uma boa notícia: «Felizmente o Carlos resolveu a sua mais decidida protecção a Magalhães.» Correa queria seguir o diálogo do casal, mas uma terceira conversa, cujo tema eram os contrabandistas, dominou as outras e trouxe-lhe à memória um livro sobre contrabandistas ou piratas, que nunca leu, porque tinha gravuras com personagens de uma época distante, trajados com bombachas, fraldão e camisas demasiado folgadas, que de antemão o aborreciam.

Disse para si próprio que imediatamente ao chegar à ilha começaria o estudo. Logo ponderou que estava muito cansado, que não seria capaz de se concentrar, que adormeceria sobre as páginas. O mais ajuizado era pôr o despertador para as três e dormir um soninho – isso sim, bem cómodo no catre – e depois, com a cabeça fresca, empreender a leitura. Melancolicamente, imaginou a campainhada, à hora destemperada. «Também não é caso para desanimar», pensou, «já que na ilha não me restará outro recurso a não ser estudar. Quando me apresentar a exame, estarei feito um campeão.»

Perguntaram-lhe:

– Você o que opina?

– Sobre o quê?

– Sobre o contrabando.

Agora parece-nos (agora sabemos, porém, o que sucedeu) que o mais ajuizado teria sido desembaraçar-se da questão com uma resposta que não o comprometesse. A discussão arrastou-o e antes de pensar já estava a dizer:

– Para mim, o contrabando não é delito.

– Ah – comentou o outro. – E pode-se saber o que é?

– Para mim – insistiu Correa –, uma simples contravenção.

– O que você diz interessa-me – declarou um senhor alto, de bigode branco e óculos.

– Recordo-lhe – gritou alguém – que por essa contravenção corre sangue.

– O futebol também tem os seus mártires – protestou um gigante que parecia levar uma boina enfiada, mas que apenas tinha cabelo crespo.

– E não é delito, que eu saiba – disse o do bigode branco e óculos.

– Em matéria de futebol, é preciso distinguir entre amadores e profissionais. Em matéria de contrabando, o senhor declara-se profissional, amador ou o quê? O ponto interessa-me.

– Vou mais longe – insistiu Correa. – Para mim, o contrabando é a inevitável contravenção a uma ordenança arbitrária. Arbitrária como tudo o que faz o Estado.

– Com opiniões tão pessoais – observou alguém –, o senhor perfila-se como um autêntico acrata.

Essas opiniões tão pessoais eram na realidade do doutor Guzmán. Para as formular agora, Correa havia repetido fielmente as frases de Guzmán e até lhe tinha imitado a voz.

Da outra ponta do grupo, um gordinho composto – «um profissional», pensou Correa, «um dentista, sem dúvida» – sorria-lhe como se o felicitasse. Quanto aos demais, já não lhe falaram; mas falaram dele, quem sabe desdenhosamente.

A lancha chegou daí a um pouco. Correa estava seguro de como se chamava. «La Victoria não sei quantos», disse. Em todo o caso, era uma espécie de autocarro fluvial, de grande percurso pelo delta.

Quando subiram a bordo encontrou-se, pelo acaso dos empurrões, junto ao gordinho, que lhe perguntou a sorrir:

– Você alguma vez viu um contrabandista?

– Que eu saiba, nunca.

O outro levou as mãos à lapela, fez peito e declarou:

– Aqui tem um.

– O que me conta.

– Conto-lhe. Pode chamar-me doutor Marcelo.

– Dentista?

– Adivinhou: odontologista.

– E contrabandista nos tempos livres.

– Estou seguro (remeto-me às razões que você explicou admiravelmente) que em tal carácter não prejudico ninguém. Ninguém, salvo os comerciantes e o fisco, o que não me tira o sono, acredite em mim. Ganho alguns petiscos, quase tantos como no consultório, mas de um modo que por agora me diverte mais, porque se aproxima da aventura, algo inédito num homem como eu. Ou como você, apostaria.

– O doutor conhece-me?

– Julgo-o pela pinta. Parece um bom rapaz, um pouco tímido, mas de boa índole. Vocês, os do interior, são melhores, quando não são piores... Embora hoje em dia, com a juventude, *chi lo sa?*

– Desconfia da gente jovem? Não é questão de achar que porque uma pessoa é jovem se mete em todas as barbaridades e estupidezes que andam por aí.

– Não, não acho isso. Por isso lhe falei como lhe falei.

– Agora, ainda se arrepende. Ainda pensa que o vou denunciar aos militares.

– Nem me ocorre. O que acontece é que lhe falei como se o conhecesse e que, na realidade, não o conheço.

Para o tranquilizar, Correa disse-lhe quem era. Estudava Direito; estava a preparar algumas cadeiras do 2.º ano; ia ficar uns quinze dias na ilha do seu amigo Mercader; era novo na zona.

– Tudo o que sei é que depois de um pequeno cais, que se chama La Encarnación, tenho de descer. Temo não reconhecer o sítio e passar ao largo. Em caso de chegar ao destino, espera-me o meu dilema de ferro: estudar ou dormir?

– Isso está bem – exclamou o dentista, muito contente. – Você deu-me espontaneamente, oiça-me bem, a melhor prova de sinceridade.

– Porque não iria dá-la se tenho vontade de dormir? Repare: quero estudar e caio de sono.

– Quer estudar? Tem a certeza?

– Como não hei-de ter a certeza.

– Oiça-me bem: não lhe pergunto se de uma maneira geral você quer estudar. Pergunto-lhe se quer estudar esta noite.

Correa pensou que o dentista era inteligente. Disse:

– A verdade é que esta noite não tenho aquilo a que se chama vontade.

– Então durma. O melhor é que durma. A menos que...

– A menos que o quê?

– Nada, nada, uma ideia que ainda não mastiguei.

Como se falasse sozinho, Correa murmurou:

– Isso de começar uma frase...

– Cuidadinho com o que diz. Recorde-se que está diante de um profissional. De um universitário.

– Não quis ofendê-lo.

– Às vezes pergunto-me se às pessoas não há que educá-las à pancada.

– Não se ponha assim.

– Ponho-me como me apetece. Você irritou-me, justamente quando ia propor-lhe algo com a melhor intenção...

No pequeno cais La Encarnación desceram tumultuosamente quase todos os que discutiam sobre contrabando um pouco antes. Correa perguntou:

– O que me ia propor?

– Uma terceira alternativa para esse dilema de ferro.

– Perdão, senhor, não o sigo. Que dilema?

– Dormir ou estudar. E você, jovem, até em sonhos me chama doutor.

Correa pensou, ou simplesmente sentiu, que uma proposta que lhe permitisse safar-se da alternativa de dormir ou estudar era tentadora. Já ia a dizer que sim quando se lembrou das actividades do doutor.

– Antes de aceitar a sua proposta, vou pedir-lhe um esclarecimento. Por favor, isso sim, responda-me francamente.

– Sugere que eu não sou franco?

– De nenhum modo.

– Peça, peça.

– Não pense que tenho medo, mas imaginando que me aconteça algo e não possa estudar, ou não possa apresentar-me a exame! Seria um verdadeiro desastre. Exponho-me? Corro perigo?

– Uma pessoa está sempre exposta ao inesperado, de maneira que para o cobarde há só um conselho: a caminha. Não sair da

caminha. Neste momento, porém, você viaja com uma cabeça coroadada, incógnito, pelo que não corre o menor perigo.

Antes que dissesse que sim, já o doutor o tinha aceitado como companheiro e pôs-se a dar-lhe toda a espécie de explicações que, segundo Correa, não vinham ao caso. Disse o doutor que vivia com a sua senhora numa ilha; que um arrematador de muita lábia lhe havia proposto um negócio, outra ilha, que não ficava longe da sua; que ele o deixou falar, embora não tivesse intenção de comprá-la, porque nada o contrariava como desprender-se do dinheiro, ainda que fosse para um investimento benéfico. No dia em que a senhora se inteirou da oferta, acabou-se-lhe a paz.

– A minha senhora ferve de vida interior – explicou. – Você não vai acreditar: tem um motor dentro, e desde o princípio foi partidária fanática da compra da ilha. Começou a dizer-me: «Temos de crescer sempre. A ilha é uma escala.» À minha maneira, eu também sou teimoso, de modo que a deixei falar, mas não cedi um passo, pelo menos até ao último domingo do mês passado, em que nos apareceram de visita umas amigas da minha senhora, e me disse: «Porque não dar uma volta por essa ilha e lhe damos uma vista de olhos?» Larguei na minha lancha particular. Quando cheguei, o vigilante, que estava a ouvir um relato, disse-me que por favor a percorresse sozinho, embora não houvesse muito que ver.

Nesse ponto do seu relato, o doutor fez uma pausa, para depois acrescentar com ar de mistério:

– O vigilante equivocava-se.

Se havia mistério, Correa não acreditou nele. No entanto suspeitou que o doutor lhe falava para o entreter, para evitar que olhasse para a margem e que depois recordasse ou reconhecesse lugares do trajecto.

A verdade era que, por mais que os olhasse, aquelas paragens desconhecidas, sucessivas, parecidas entre si, irremediavelmente se confundiam como partes de um sonho.

– Porque é que se equivocava o vigilante?

– Já verá. O meu avô, que juntou uma respeitável fortuna na Polónia, mas que depois teve de emigrar, costumava dizer: «O que procura encontra. Mesmo onde não há nada, se uma pessoa procura bastante, encontra o que quer.» Dizia também: «Os melhores lugares para quem procura são as colinas e o fundo dos jardins.» Esta ilha não será um jardim, mas...

– Mas o quê?

– Agora descemos – disse o doutor e em seguida gritou: – Lancheiro, atraque, por favor.

O cais, de madeiras podres, era pequeno e sem dúvida débil.

Correa olhou com apreensão.

– Faço mal – gemeu. – Eu, senhor, deveria esta a estudar.

– E você a dar-lhe com o senhor. Você sabe, melhor do que eu, que não ia estudar esta noite. Deixe-se de tolices e tenha a bondade de me seguir. Pise onde piso. Vê a casota que assoma entre os salgueiros? Ali vive o vigilante. Não tenha medo. Não há cão.

– A sua palavra?

– A minha palavra. Esse homem não tem mais amigo do que o aparelho de rádio. Aqui, na ilha, você continua a pisar onde eu piso. Há que ir por terreno firme, para não deixar pegadas. Aposto que, se não lhe digo nada, se encaminha para a lama, como os porcos.

O doutor, com as mãos ao alto, afastava os ramos, abria caminho. A Correa pareceu-lhe que desciam por um declive na penumbra; numa penumbra que gradualmente se converteu em escuridão, como se estivessem debaixo da terra, num túnel. Compreendeu que era precisamente um túnel onde se encontravam: um estreito e longo túnel vegetal, com o chão de folhas e as paredes e o tecto de folhas e de ramos, salvo na parte mais profunda, que estava realmente debaixo da terra, e onde a escuridão era absoluta. O sítio pareceu-lhe desagradável, sobretudo pelo estranho e inesperado. Perguntou-se porque havia permitido que o afastassem do seu dever. Quem era

o seu acompanhante? Um contrabandista, um delinquente em que ninguém, no seu perfeito juízo, podia fiar-se. O pior era que dependia dele; pelo menos achou que, se o outro o deixasse sozinho, não seria capaz de encontrar a saída. Ocorreu-lhe uma ideia irracional, que lhe pareceu evidente: para os dois lados, o túnel era infinito. Começava a sentir-se muito ansioso quando se encontrou lá fora. A travessia não havia durado mais do que três ou quatro minutos; a céu aberto teria sido uma questão de segundos. Estavam numa paragem completamente distinta à que tinham deixado na outra boca do túnel. Correa descreveu-a como «cidade-jardim», palavra que tinha ouvido mais do que uma vez, mas cujo significado exacto ignorava. Caminharam por uma rua sinuosa, entre jardins e quintas, com casas brancas, de telhado avermelhado. O doutor perguntou-lhe em tom de reprovação:

– Veio-me sem pesos de ouro? Estava à espera, estava à espera. Em qualquer lugar lhe farão o câmbio, mas não deixe que o vigarizem. Eu sei onde lhe dão bom câmbio e onde se compra mercadorias que uma pessoa pode vender vantajosamente em Buenos Aires. Conhecimentos como estes, você compreenderá, têm o seu preço e não os vou revelar gratuitamente, sem mais nem menos. Um dia, quem sabe, uma pessoa pode associar-se. Hoje cada um arranja-se para o seu lado. Vê o leteiro?

– O que diz Paragem 14?

– Esse mesmo. Encontramo-nos aí amanhã, às cinco em ponto da madrugada.

Correa protestou. Isso não era o combinado. Ele tinha-se resignado a perder uma noite e agora ia perder duas noites e um dia.

O doutor retrocedeu um passo, como se quisesse examiná-lo bem.

– Olhe o que me está a propor. Que voltemos em plena luz, para rifar o nosso segredo entre a concorrência. Sabe que, se me descuido, você ainda me sai caro? Agora diga-me o que faz, no estrangeiro, sem a minha protecção? Põe-se a chorar? Pede ao cônsul que o repatrie num baú?

Correa compreendeu que estava à mercê do doutor e que mais valia não o inflamar.

– Até amanhã – disse.

– Até amanhã – disse o doutor e olhou o relógio –, às cinco em ponto, assim temos tempo de sobra, porque amanhece às seis. Não gosto de andar em apuros. Eu vou por aqui e você por ali. Cuidadinho com seguir-me, porque lhe dou na cabeça.

Quando Correa tinha caminhado um bocado, pensou que, se o doutor faltava ao compromisso, ele iria ver-se numa situação difícil. Andava com pouco dinheiro consigo e, desde logo, não tinha muita fé em si próprio para encontrar a boca do túnel. O mais prudente seria procurá-la antes que se confundissem as recordações. Tratou de refazer o caminho, mas muito rapidamente as ruas sinuosas o desorientaram. Havia um pormenor sobre o qual não tinha pedido esclarecimento, para não parecer estúpido: Onde estavam? Sentiu que se agoniava e pensou que era melhor, com aquele cansaço, não continuar a descrever círculos por ruas que ignoravam o rudimento da traça em xadrez. Compreendeu também que o mais urgente para ele era dormir um pouco. Depois encararia a situação. «Deito-me a dormir em qualquer parte», disse em voz alta, e acrescentou: «Em qualquer parte em que não haja cão.» De seguida começaram as dificuldades, porque naquela comarca havia um cão por jardim, quando não eram dois. Talvez para aplacar a sua má consciência, pensou que, se em lugar de cometer a idiotice de escutar o doutor, tivesse voltado, como qualquer indivíduo com uso da razão, à ilha de Mercader, com semelhante cansaço não poderia estudar. Se não encontrava rapidamente um jardim sem cão, dormiria na rua. Bastante assustado, entrou numa quinta e avançou por uma praceta de loureiros, fantasmagórica à luz da madrugada. Como nenhum cão ladrou, deitou-se a dormir.

Quando despertou, o sol dava-lhe nos olhos. Deu-se conta, com sobressalto, de alguém que o olhava de perto. Era uma mulher jovem,

que não parecia feia e tinha, talvez, a cara congestionada. Como estava nervoso, confusamente pensou que devia tranquilizá-la.

– Perdão por ter entrado – disse. – Tinha tanto sono que me deitei a dormir. Não tema, não sou um ladrão.

– Não me importa o que você seja – respondeu a mulher. – Quer tomar algo? Há-de estar com fome, a estas horas, mas terá de contentar-se com um pequeno-almoço. Hoje não preparei nada.

Caminharam pelo campo, entre plantas, até que apareceu a casa, branca, com tecto de telhas, rodeada por um corredor de ladrilhos avermelhados. Lá dentro era sombria e fresca.

– Chamo-me Correa – disse.

A mulher respondeu que se chamava Cecília e acrescentou um apelido, que soou talvez como Viñas, mas noutra idioma. Aparentemente estavam sozinhos na casa.

– Sente-se – disse a mulher. – Vou preparar o pequeno-almoço.

Correa pensou naquele estranho túnel, definitivamente muito curto, que segundo todas as aparências o tinha levado muito longe, e perguntou-se onde estava. Levantou-se, caminhou por um corredor, chegou à cozinha. Cecília, de costas, atarefada em aquecer a água e torrar o pão, não se voltou imediatamente. Com um movimento rápido passou a mão pela cara.

– Vou fazer-lhe uma pergunta – anunciou Correa; mas calou-se, e depois disse: – O que se passa?

– O meu marido deixou-me – explicou Cecília, a chorar. – Como vê, nada de extraordinário.

Postergou de novo a pergunta, para consolar a mulher, mas encontrou dificuldades, que aumentaram à medida que se inteirava da situação. Cecília amava o seu marido, que a tinha deixado por outra mais bonita e mais jovem.

– Agora parece que me enganou sempre, de forma que do meu grande amor não me resta nem a boa recordação.

Um jornalista perseguido por um regime opressivo, um estudante que foge dos exames por um túnel impossível, um jovem aldeão ansioso por conhecer a cidade ou um empregado de sanatório que descobre que a dor dos pacientes pode ser usada para produzir eletricidade: com a sua escrita elegante e hipnótica, Adolfo Bioy Casares apresenta nestas histórias uma galeria de personagens únicas que parecem partilhar um estranho destino, na fronteira entre o sonho e a realidade.

«Tal como Borges, Adolfo Bioy Casares é um autor interessado nos segredos e mistérios, nos labirintos e perplexidades filosóficas da vida.»

The New York Times

ISBN 978-989-623-275-7
9 789896 232757



cavalo de ferro